

## PREFÁCIO

A Bíblia Sagrada é considerada a Palavra de Deus. O livro de Isaías diz: «Buscai no Livro do Senhor e lede: Nenhuma destas criaturas falhará, nem uma nem outra faltará» (*Is., 34:16*). Jesus referiu-se ao Antigo Testamento como sendo a «Palavra de Deus», que «não pode falhar» (*Jo., 10:35*). O evangelho de Mateus diz que a Escritura veio «da boca de Deus» (*Mt., 4:4*), e o evangelho de João diz que «a Escritura não pode ser desprezada» (*Jo., 10:35*).

Jesus disse aos líderes religiosos do seu tempo que eles vinham «invalidando a palavra de Deus» pela sua própria tradição (*Mc., 7:13*). Jesus chamou-lhes a atenção para a Palavra de Deus escrita quando repetidamente afirmou: «Está escrito [...] está escrito [...] está escrito» (*Mt., 4:4,7,10*). Esta frase aparece imensas vezes no Novo Testamento.

O apóstolo Pedro diz também que a Bíblia é a palavra de Deus (*II Pe., 1:20-21*), que contém a mensagem de Deus aos homens, sobre o modo como eles devem viver e ser salvos, sendo Cristo o salvador do mundo, e embora tenham sido homens aqueles que escreveram as mensagens, «nunca qualquer profecia foi dada por vontade humana; os homens falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo» (*II Pe., 1:21*).

O apóstolo Paulo disse que «toda a Escritura é inspirada por Deus» (*II Tim., 3:16*), e que «Deus não pode negar-se a si mesmo»

(*II Tim.*, 2:13). Dando ênfase à natureza não errônea da verdade de Deus, o apóstolo Paulo referiu-se também às Escrituras como «a palavra de Deus» (*Rom.*, 9:6). O apóstolo Paulo declarou igualmente que «a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração» (*Heb.*, 4:12). Conclusão: a Bíblia está isenta de erros, o Deus da verdade deu-nos a Palavra da Verdade, e a Bíblia não contém nada que não seja verdade, e é a própria Bíblia que o diz.

Ora, não é isso que acontece ao longo da Bíblia, pois ela está cheia de contradições, erros e absurdos. A Bíblia tem muitos factos científicos errados, e outros mal datados, cidades que só apareceram anos depois na cronologia, e outras que não existiram, erros grotescos de geografia, de botânica, de biologia, de zoologia, e de astronomia, factos cosmológicos que ninguém no mundo viu, animais que não existem, personalidades importantes que historicamente nunca existiram, factos que historicamente nunca aconteceram, profecias sobre coisas que nunca vieram a cumprir-se, muitas contradições, exageros, e absurdos. A Bíblia é um livro que fala de episódios de tortura, apedrejamentos, enforcamentos, empalamentos e outras crueldades, escravatura, racismo, xenofobia, homofobia, misoginia, incesto, prostituição, adultério, poligamia, genocídios, guerras constantes, assassinatos, muitos deles de crianças e de outras pessoas inocentes, discriminação social, injustiças enormes, seres humanos queimados na fogueira, sacrifício de animais, muitas imoralidades, e grandes injustiças económicas. Muitas destas coisas, umas foram mandadas fazer por Deus, outras foram permitidas por Ele, e outras foram feitas em Seu nome, por patriarcas, profetas, e demais seguidores de Deus. No entanto, a Bíblia é considerada um livro divino, inspirado por Deus, e a Bíblia e as Igrejas dizem que devemos fazer o que ela ensina.

Na Bíblia abundam a cobiça, ciúmes, traições, ódios, carnificinas, barbaridades, despotismo, concretizados em contínuas matanças, feitas em nome de Deus, e por Ele inspiradas. Além dos milhares de pessoas que morreram em Sodoma e Gomorra, e no dilúvio, temos as enormes quantidades de pessoas que Deus mandou matar, ou que foram mortas em Seu nome, e com a sua aprovação. Se Deus é bom (*Sal., 100:5*) e se Ele é um Deus de paz (*Rom., 15:33*), como poderia fazer e consentir tudo isto?

A Bíblia tem também muitas histórias bizarras: um burro falante, um peixe que transporta uma pessoa na barriga, uma pessoa que se transforma em sal, uma cobra falante, um porco voador, o planeta Terra que deixa de girar, trombetas assassinas, prepúcios cortados por todos os lados, etc. Além dos excessos nos relatos das batalhas, em que, por exemplo, Sansão matou 1000 filisteus com a queixada de um jumento, temos os seguintes exageros: Moisés era o homem mais manso da Terra (*Núm., 12:3*); Salomão era o homem mais rico e mais sábio do planeta (*I Re., 10:23*); Absalão era o homem mais belo da Terra, e não havia beleza superior à sua (*II Sam., 14:25*), além das centenas de anos de longevidade de alguns profetas.

A Bíblia está também cheia de histórias e lendas que a arqueologia e a geologia não provaram nem cientificamente, nem através de documentos. Não existe a certeza da existência histórica de muitos dos profetas do Antigo Testamento, e não existem mesmo provas arqueológicas da existência de Jesus, pois não se pode comprovar a autenticidade dos chamados «lugares santos», que são referidos como tais apenas porque, «segundo reza a tradição», foi ali que aconteceu determinada coisa. Muitos historiadores que viveram no tempo de Jesus nada escreveram sobre ele. Os autores pagãos da época de Jesus não disseram nada sobre ele, e não existe a menor menção de Jesus pelos seus contemporâneos pagãos. Também não há registos históricos do seu nascimento, nem registos históricos

do seu processo, da sua condenação e da sua morte. Mesmo durante o primeiro século não há quase nenhuma referência a Jesus por uma fonte não-judaica ou não-cristã.

Segundo os evangelhos de Mateus (4:24) e de Marcos (6:14; 6:17), devido aos seus milagres, Jesus ficou célebre em toda a região, numerosas multidões seguiam-no, e as pessoas deslocavam-se de todas as partes de Israel para o ver. Mas se Jesus era assim tão célebre, por que razão nenhum autor da sua época falou dele?

Segundo a Bíblia, Jesus viveu no primeiro século, mas as fontes gregas e romanas da época nada dizem sobre ele. Jesus nunca é citado, debatido, questionado, ou criticado em nenhuma das fontes gregas ou romanas dessa época. Não existe nenhuma menção sobre o seu nascimento, a sua vida, os seus ensinamentos, o seu julgamento e a sua morte. O seu nome nem sequer é referido nas principais fontes da época. Filósofos, poetas, escritores, moralistas e historiadores daquela época falaram dos grandes acontecimentos, mas nada sobre Jesus.

Nenhum evangelista conheceu pessoalmente Jesus; eles escreveram a partir da tradição oral, e só passaram cerca de 50 anos após a época apontada como a da morte de Jesus, altura em que poucas pessoas sobrevivias poderiam dizer que tiveram contacto com Jesus; e no caso de Jesus ter realmente existido, qualquer coisa que se dissesse sobre ele dificilmente, por esta razão, seria desmentida. Os quatro evangelhos a que se deu o nome dos apóstolos Mateus, Marcos, Lucas e João não foram, muito provavelmente, escritos por eles. Os quatro evangelhos foram nomeados apenas no século II, cerca de 100 anos depois do surgimento do cristianismo. Por outro lado, os evangelistas contradizem-se várias vezes. Veja-se, por exemplo, a genealogia de Jesus registada pelo evangelho de Mateus e a registada pelo evangelho de Lucas. Se uma genealogia estiver certa, a outra estará errada. Se uma estiver errada, é provável que a outra

também esteja. Como aceitar que essa palavra, dita «divina», seja verdade? A palavra inspirada por Deus, se realmente é uma palavra divina e inspirada por Deus, não devia contradizer-se, mas há imensas contradições.

A Bíblia é também uma cópia de lendas antigas. O Antigo Testamento é uma cópia de mitologias de outros povos. A mitologia do Antigo Testamento baseia-se em alguns princípios fundamentais: Deus, a Criação, a queda dos Anjos, o Éden, Eva, Adão, a Serpente e o pecado original, o Dilúvio, a Torre de Babel, os Anjos e o Demónios, o Paraíso e o Inferno, os Patriarcas, um legislador inspirado e os Profetas. Ora, estas mitologias não são originais, pois outros povos já as tinham antes dos hebreus. O próprio Jesus Cristo foi criado a partir de crenças religiosas antigas, nas quais também existem deuses redentores como Serápis, Hórus e Christna, e personalidades como Crestus dos Essénios. Ora, uma Bíblia ditada por Deus não copiaria textos de outras religiões, como acontece, por exemplo, nas narrativas da Criação do mundo, e do Dilúvio.

A Bíblia sofreu muitas alterações ao longo dos séculos, pelo que os textos originais já não existem: o que temos são textos copiados vezes sem conta. O próprio S. Jerónimo, tradutor da Bíblia, queixou-se dos copistas que «escrevem não o que têm à frente, mas o que pensam ser o sentido, e enquanto se esforçam para emendar os erros alheios, expõem os seus» (*Epístola 71, Patrologia latina, vol. 22*). De que vale dizer que a Bíblia é a palavra infalível de Deus se de facto não temos as palavras que Deus inspirou de modo infalível, mas apenas as palavras repassadas pelos copistas (algumas delas corretamente, mas muitas outras incorretamente)? De que vale dizer que os originais foram inspirados se o texto original foi alterado? O que temos são cópias, e cheias de erros. Com muita razão, um dos autores de um dos livros da Bíblia também se queixa: «Como podeis dizer que somos sábios e temos a lei do Senhor? Na

verdade, foi a mentira que fez desta lei e estilete enganador dos escribas» (*Jer.*, 8:8).

Havia cerca de 60 evangelhos, mas apenas quatro foram considerados verdadeiros, e os outros falsos, através de critérios pouco claros, e alguns subjetivos, e até mesmo aleatórios. Todos os outros evangelhos não entraram na Bíblia Sagrada, mas mesmo assim, continuam a ser consideradas válidas certas informações de alguns desses evangelhos, como, por exemplo, o evangelho de Tiago, sobre o nome dos pais da mãe de Jesus.

A própria utilização da Bíblia como o meio absoluto de acesso a Deus e de salvação da humanidade é um absurdo, e mesmo uma injustiça. Os primeiros livros da Bíblia foram escritos mais ou menos 1250 anos antes de Jesus; os últimos mais ou menos 100 anos depois de Jesus, que nasceu só há cerca de 2000 anos. Sendo assim, como é que Deus julga os que viveram antes de a Bíblia ter sido escrita? Condena-os? O apóstolo Paulo diz que a palavra de Deus trouxe salvação a todos os homens (*Tt.*, 2:11), mas na época de Jesus só uma minoria muito pequena tinha ouvido falar de Jesus, e ainda hoje há quem nunca ouviu falar dele. Como é que Deus julgou e julga essas pessoas? Como julga aqueles que só conheceram a Bíblia a partir dos Descobrimentos, no século xvi? E como julga outros povos que não conhecem sequer a Bíblia nem nunca ouviram falar dela?

Em relação aos que nunca ouviram falar de Jesus e da Bíblia, segundo alguns intérpretes, eles vão para o céu, devido à sua ignorância da palavra de Deus. Sendo assim, porque não as deixamos permanecer na ignorância da Palavra de Deus? Para quê dar-lhes a conhecer a Palavra de Deus se, apesar da sua ignorância da Palavra de Deus, elas se salvam?

Além desta grande contradição, existem as contradições dos próprios conteúdos da Bíblia. Uma das justificações apresentadas em defesa da Bíblia, sobre as contradições, os erros e os absurdos referidos na presente investigação, é a de que têm de

ser lidos à luz do seu contexto histórico, e que por isso devem ser desculpados. Ora, não se compreende que contexto histórico, ou outro, pode desculpar a grande maioria das coisas aqui apresentadas. Nenhum contexto histórico pode justificar que sejam corretas determinadas coisas contidas na Bíblia, como, por exemplo, as seguintes recomendações, ordens e afirmações:

«Feliz daquele que pegar em seus filhos e atirá-los contra as rochas» (*Sal.*, 137:9).

«Matem todos os meninos entre as crianças, e matem também as mulheres que se deitaram com homens. Porém, todas as meninas virgens, para vós deixai viver» (*Núm.*, 31:17-18).

«Eis que reprovarei a vossa semente, e espalharei esterco sobre os vossos rostos, o esterco das vossas festas solenes, e para junto deste sereis levados» (*Mal.*, 2:3).

«E o teu cadáver servirá de comida a todas as aves dos céus, e aos animais da Terra; e ninguém os espantará» (*Deut.*, 28:26).

«Vai, pois, agora e fere a Amaleque, e destrói totalmente tudo o que tiver e não lhe perdoes; porém, matarás desde o homem até à mulher, desde os meninos até aos de peito, desde os bois até às ovelhas, e desde os camelos até aos jumentos» (*I Sam.*, 15:3).

«Então saiu dali Betel; e, subindo ele pelo caminho, uns meninos saíram da cidade e troçavam dele, e diziam-lhe: “Sobe, careca! Sobe, careca!” E virando-se ele para trás, viu-os e amaldiçoou-os em nome do Senhor; então duas ursas saíram do bosque, e despedaçaram 42 daqueles meninos» (*II Re.*, 2:23-24).

«Por isso um leão do bosque os feriu, um lobo dos desertos os assolará; um leopardo vigia contra as suas cidades; qualquer que sair delas será despedaçado, porque as suas transgressões se avolumam, multiplicaram-se as suas apostasias» (*Jer.*, 5:6).

«Toda a malícia é leve comparada com a malícia da mulher; que a sorte dos pecadores caia sobre ela!» (*Ecles.*, 25:26).

«Eu farei com que os pais comam a carne dos seus filhos e das suas filhas, e cada um comerá a carne do seu próximo» (*Jer.*, 19:9).

«A glória de Efraim desaparecerá como uma ave; não haverá mais nascimento, nem gravidez e nem sequer concepção! e mesmo os filhos que conseguirem criar, eu os privarei deles antes que se tornem homens. E ai deles quando eu os abandonar!» (*Os.*, 9:11).

«O tumulto da guerra vai elevar-se em tuas cidades, e todas as tuas fortalezas vão ser destruídas, assim como Salmã destruiu a dinastia de Jeroboão, no dia do combate em que a mãe foi esmagada com os seus filhos» (*Os.*, 10:14).

Tudo isto é para interpretar em função de que contexto? Em que contexto é correto e divinamente inspirado praticar estes horrores? Se é para serem interpretados em função do contexto histórico, também, por exemplo, a proibição de relações sexuais antes do matrimónio, ou a proibição de relações homossexuais, deviam ser interpretadas em função do seu contexto histórico. Porque é que umas coisas devem ser interpretadas à luz da sua época e outras não? Só quando convém?

Outra justificação para estas e outras passagens da Bíblia é que têm de ser encaradas como metáforas, e não em sentido literal. Desde logo temos aqui uma contradição: todas as coisas boas relatadas pela Bíblia têm de ser encaradas literalmente, enquanto todas as coisas más têm de ser encaradas metaforicamente ou no contexto. Por outro lado, não é de passagens obscuras que estamos falando, pois os textos são bem claros; qualquer pessoa percebe o que o texto diz, pois não há nada de figurado (por exemplo, a Bíblia fala de apedrejamentos, e não são alegorias, são mesmo apedrejamentos).

É apenas uma imagem literária uma mãe atirar os seus próprios filhos contra as rochas? E um homem invocar Deus e então

dois ursos aparecerem para matar 40 crianças? E as mulheres comerem os seus próprios filhos? E as pessoas comerem esterco? Estas e outras são metáforas de quê? Se são metáforas, porquê então estas metáforas tão horríveis? Não havia outras metáforas mais elevadas e santas para um livro sagrado como a Bíblia, em vez de toda esta crueldade e imundície?

Se essas coisas não devem ser lidas literalmente, então muitas outras na Bíblia também não devem ser lidas literalmente, como, por exemplo, a existência do Inferno, a Imaculada Conceição de Maria, a ressurreição dos corpos, a ressurreição de Cristo, etc. Se devem ser lidas alegoricamente, quais as que devem ser lidas em sentido literal, e quais as que devem ser lidas alegoricamente? A Bíblia não diz, por isso fica ao critério de cada pessoa.

Ora, a defesa de que é uma questão de interpretação, e que se pode interpretar de diversas maneiras, cabendo a cada um interpretar à sua maneira, é algo contraditório com a própria Bíblia, que diz que ela não pode ser interpretada como cada pessoa quiser (*II Pe., 1:20, e 3:16*), e com a tradição teológica, que diz que uma vez que a Igreja recebeu a promessa de contar com o auxílio do Espírito Santo (*Jo., 14:16*), não se pode aceitar uma interpretação que seja contrária a alguma das suas interpretações canónicas. Dado que a tradição é parte integrante da revelação divina, não pode ser admitida nenhuma interpretação que vá contra a opinião unânime dos Santos Padres ou dos Doutores da Igreja Católica.

O apelo a que se interprete de forma alegórica ou metafórica muitos textos da Bíblia é contrário àquilo que a Igreja sempre fez, pois, na verdade, a Igreja sempre interpretou literalmente muitas das passagens que alguns intérpretes de hoje dizem que devem ser lidas alegoricamente, como, por exemplo, o episódio em que Josué manda o Sol parar. Este episódio fez com que a Igreja defendesse que o Sol é que se movia em torno da Terra

e que esta estava parada. A Igreja interpretava isso literalmente, assim como o criacionismo (o episódio da criação do mundo e do homem), Adão e Eva, o Dilúvio, etc. Se era para ser interpretado literalmente, e ainda hoje assim deve ser interpretado, conforme defendem as igrejas evangélicas, então todos os outros episódios cruéis e absurdos também devem ser interpretados literalmente, e não são meras figuras literárias.

A Bíblia é um livro cheio de falsidades, não apenas históricas, mas também científicas, apesar do que a Bíblia diz ser considerado verdade, tanto por ela própria como pelos padres e doutores da Igreja. Em nome da Bíblia condenou-se a astronomia heliocêntrica, a infinitude do Universo, a teoria atomista, a datação geológica, os fósseis, o evolucionismo, a psicanálise, etc. A Bíblia é um livro cheio de proibições, e até mesmo as coisas mais insignificantes são pecado: comer carne de porco, marisco, coelho, carne mal passada, cortar o cabelo ou a barba de determinada maneira, fazer tatuagens e *piercings*, juntar os animais de diferentes espécies, ter determinadas plantas no jardim, usar roupas de tecido diferente, divorciar-se, praticar sexo antes do casamento, masturbar-se, sentir atração pelo mesmo sexo, entrar na Igreja sem os órgãos sexuais intactos, uma mulher tocar nos testículos de outro homem para defender o marido, uma mulher ser sacerdote, uma mulher falar em lugares públicos, uma pessoa não ir à igreja todos os sábados (ou aos domingos, no caso das igrejas Católica e Evangélica), etc.

Apesar de todo o seu moralismo, a Bíblia tem muitas perversidades, cometidas pelos próprios patriarcas, pelos profetas, e por outros homens ao serviço de Deus: Noé, embriagado, envolve-se com o filho num enigma sexual (*Gn.*, 9:20-25); Lot, bêbado, engravida as suas filhas virgens (*Gn.*, 19, 30-36); David, adúltero, assassina Urias para ter sexo com a mulher dele, Betsabá (*II Sam.*, 11:14-27); Abraão tem sexo com a sua escrava (*Gn.*, 21:1-14); Tamar disfarça-se de prostituta para engravidar

do sogro (*Gn.*, 38, 13-18); o rei Salomão teve um harém com 700 esposas e 300 amantes (*I Re.*, 11, 13), etc. Apesar de todo o seu moralismo, a Bíblia contém incesto, prostituição, adultério, violações, poligamia, etc., e quem pratica esses atos são patriarcas, profetas, e outros seguidores de Deus.

Falemos agora na metodologia e nas fontes bibliográficas deste livro. Começemos pela metodologia. Este livro é o resultado de uma investigação que, como o seu próprio título indica, fala primeiro das contradições, depois dos erros, e depois dos absurdos da Bíblia Sagrada, que neste livro são apresentados respetivamente em três grandes capítulos. No capítulo das contradições associámos versões divergentes sobre o mesmo assunto; no capítulo dos erros apresentamos dois tipos de erros, os históricos e os científicos; e no capítulo dos absurdos falámos também dos exageros. No capítulo dos absurdos e exageros estão coisas sem sentido, coisas surreais, coisas ridículas e hilariantes, horrores e excessos, violências horríveis, torturas e chacinas. Dentro de cada um desses três grandes capítulos apresentámos divisões pormenorizadas, por nomes de indivíduos, acontecimentos, cidades, seres, ideias teológicas, etc. Essas divisões temáticas mais pequenas foram ordenadas alfabeticamente, para uma distinção pormenorizada e mais clara sobre cada uma delas. Dentro de algumas destas últimas divisões temáticas explicámos quem são as personagens e os lugares pouco conhecidos, e fizemos comentários a algumas das contradições e a alguns dos erros e absurdos aqui referidos.

Comentam-se algumas das referências temáticas, para chamar a atenção de determinados pormenores, e noutras é referido apenas o problema. Em cada uma das pequenas divisões temáticas é dito qual o livro (ou livros) da Bíblia, o capítulo e o

versículo, onde está a referência. Alguns desses casos são apenas referidos, outros são apresentados textualmente, isto é, citados tal como aparecem na Bíblia. Por vezes, quando os textos da Bíblia são extensos, ou quando os casos que nela existem são muitos, apenas são referidos os casos, e remete-se o leitor para os respetivos livros, capítulos e versículos. De uma forma geral, quando os casos estão referidos em poucas palavras na Bíblia, ou quando os casos referidos são poucos, são citados.

A divisão deste livro em três grandes capítulos (contradições e versões divergentes; erros históricos e científicos; absurdos e exageros) não impede que alguns assuntos sejam abordados em mais do que um capítulo, pois um determinado assunto pode ter contradições ou versões divergentes, e erros históricos e científicos, e em alguns casos ter também um absurdo ou um exagero. De modo a não misturar tudo, e de modo a tornar mais claro cada um dos aspetos para o quais chamamos a atenção, fizemos distinções dentro de cada tema (por exemplo, sobre o nascimento ou a morte de Jesus, uma coisa são as contradições e as versões divergentes nas narrativas entre si, e outra coisa são os erros históricos contidos nessas narrativas). Por vezes não foi fácil separar em três grandes unidades temáticas os factos aqui relatados, pois há inter-relações entre eles, e uma coisa contraditória pode ser também considerada absurda. No entanto, sempre que possível, apresentámos cada um dos factos sob essas diferentes perspetivas. Assim, por exemplo, uma coisa é falar dos erros históricos da Bíblia sobre o rei Nabucodonosor e o seu reinado, em que a Bíblia diz que ele reinou em Nínive sobre os Assírios (*Jud.*, 1:1), o que é errado historicamente, pois ele reinou sobre os Babilónios, e não sobre os Assírios, e no seu tempo Nínive já tinha sido destruída pelo seu pai Nabopolassar, e outra coisa é falar dos absurdos da Bíblia sobre Nabucodonosor, em que a Bíblia diz que Deus castigou o rei Nabucodonosor, transformando-o em boi durante sete anos e

pondo-o a viver afastado dos seres humanos, e que Nabucodonosor passou então a comportar-se como um animal, comendo, dormindo, e agindo como um boi (*Dan.*, 4:22, 29). O nosso objetivo não é falar das figuras históricas da Bíblia ou dos factos enquanto tais, mas sim apresentar as contradições da Bíblia, os seus erros e os seus absurdos, e portanto as figuras históricas e os factos nela relatados são o meio para isso. Ora, ao juntarmos os assuntos uns com os outros sob um fio condutor, ao juntarmos, por exemplo, num capítulo os erros históricos e científicos, reforçamos a ideia da existência de erros, e damos uma perspectiva abrangente do seu grande número. O mesmo fizemos com as contradições, de modo a ver-se tantas contradições umas a seguir às outras, e com os absurdos.

Não estão aqui reunidas todas as contradições, todos os erros e todos os absurdos, mas a amostra é muito significativa, permitindo uma panorâmica abrangente. Outros investigadores certamente refeririam ainda outras contradições, outros erros, outros absurdos, mas cremos que o que seleccionámos é o mais representativo das muitas contradições e versões divergentes, dos muitos erros históricos e científicos, e dos muitos absurdos e exageros que existem na Bíblia Sagrada. Embora em alguns casos tenhamos feito comentários para chamar a atenção para determinados pormenores, tendo como objetivo a sua melhor compreensão, a metodologia principal desta investigação é centrarmo-nos nos próprios factos, dizendo quais são, e em que livro da Bíblia, capítulos e versículos isso se encontra.

Muitos dos casos referidos nesta investigação devem-se aos meus conhecimentos sobre a Bíblia, dada a minha formação e à experiência religiosa católica: acólito numa igreja durante muitos anos; catequista numa paróquia da Igreja Católica; escuteiro numa paróquia; seminarista em Roma; participei em coros religiosos; frequentei mosteiros; fui aluno de duas Escolas de Evangelização, uma em França e outra em Portugal; realizei

um cursilho de Cristandade no Movimento dos Focolares, etc. Tudo isso me permitiu uma forte ligação à Igreja Católica e o conhecimento da Bíblia.

Mas esta investigação foi também possível graças às informações obtidas nos livros dos diversos investigadores que estão citados na bibliografia. Procurei essas informações em textos e em livros que falam de assuntos relacionados com o tema da presente investigação, e em livros onde se critica a religião, e onde essas contradições, esses erros e esses absurdos estão implícitos, assim como em trabalhos onde se fala explicitamente nas contradições da Bíblia, que selecionei, que comparei com outras informações, que completei umas com as outras, e que organizei.

Portanto, este livro não consiste numa reflexão sobre os temas, nem numa explanação argumentativa, mas sim na apresentação dos próprios factos, isto é, dos versículos da Bíblia onde estão as contradições e as versões diferentes sobre o mesmo facto, os erros históricos e científicos, os absurdos e os exageros. Esta investigação está norteada pela objeção à chamada inerrância da Bíblia, e para isso centrei-me nos textos da própria Bíblia, na linha do que Celso, filósofo grego do século II, afirmou a propósito das suas objeções aos cristãos: «Essas objeções provêm dos seus próprios escritos, e nós não precisamos de outros testemunhos: vós forneceis a vossa própria refutação», afirmação esta citada pelo filósofo cristão Orígenes, na sua obra *Contra Celso*, 2:74.

A revelação de todas estas contradições e versões divergentes, de todos estes erros históricos e científicos, e de todos estes absurdos e exageros da Bíblia Sagrada, certamente surpreenderá muita gente, pois nas igrejas não se lê nem se fala na maioria dos factos aqui apresentados. Nas celebrações litúrgicas apenas se lê uma série de textos selecionados pelos padres e pelos pastores, e que são praticamente sempre os mesmos, ao

longo dos anos, principalmente nas missas das igrejas católicas, e onde por outro lado a Bíblia permaneceu durante muitos séculos escrita em latim, e apenas acessível ao clero. Mas mesmo nos tempos de hoje, em que a Bíblia está escrita na nossa língua, e em que a sua publicação em livro está acessível a todos, há muita coisa da Bíblia que continua desconhecida do grande público, e dos próprios crentes. Atualmente, a Bíblia está traduzida para todas as línguas, mas, na verdade, poucas pessoas leram esse enorme livro, e quem o leu, apenas leu uma pequena parte. Temos, portanto, nesta pormenorizada investigação, muitas coisas que são desconhecidas ou que passam despercebidas, e que há que descobrir.

*Victor Correia*